

Robert Vannoy, Êxodo para o Exílio, Palestra 5A

Bezerro de Ouro e Tabernáculo

Revisão

1. A Grande Apostasia de Israel – Bezerro de Ouro -- Êxodo 32-34 b. A Primeira Intercessão de Moisés

Estávamos olhando para o incidente do Bezerro de Ouro em Êxodo 32, que em seu esboço é “a primeira grande apostasia de Israel”. Estávamos trabalhando naquele capítulo e chegamos ao ponto nos versículos 7 a 14, que é b no esboço, “a primeira intercessão de Moisés”. Vimos a oração de Moisés em nome de Israel pedindo que Deus se afastasse do julgamento que ele havia proposto no versículo 10, onde Deus diz: “Deixa-me, para que a minha ira se acenda contra eles e eu os destrua. e fazer de você uma grande nação”. Então Moisés intercede. Analisamos os próximos versículos e os três argumentos que ele apresenta. Em conexão com esses três argumentos, ele diz no final do versículo 12: “Afaste-se do furor da sua ira e arrependa-se. Não traga desastre para o seu povo”. Em seguida, lemos a conclusão em 14: “Então o Senhor se arrependeu e não trouxe sobre o seu povo o desastre que pretendia”. Foi aí que terminamos na semana passada.

Ao falar sobre como entendemos a palavra “arrepender-se”, é *naham*, a principal forma verbal no hebraico é frequentemente traduzida como “arrependido”. Não quero voltar a essa discussão em particular, mas quero continuar a partir daí. O que podemos ver neste texto é que a oração de Moisés exorta Deus a revisar o que ele disse que queria fazer. No versículo 10, Deus “cede”. Você pode dizer que sua mente mudou. Isso é algo que vemos consistentemente nas Escrituras em relação à eficácia das orações do povo de Deus, em resposta ao arrependimento do povo de Deus.

Lembre-se, vimos Jeremias 18:7-8. Esse é um texto-chave onde o Senhor diz: “Se eu disser que trarei julgamento e o povo se arrepender, então eu cederei” e vice-versa: “Se eu declarar o povo abençoado e o povo se afastar de mim, então Trarei julgamento

em vez de bênção”. Agora, reconhecidamente, entramos na discussão teológica realmente difícil sobre como entender tudo o que está acontecendo lá. Neste texto, o foco está no papel de Moisés como intercessor, não nas questões teológicas da onisciência e soberania divinas. Então isso é outra discussão.

2. Joel 2:12 -- Não

Quero, antes de continuar, apontar para outro texto, Joel 2:12 a 13, aí você tem um texto semelhante. Em Joel 2:12 está escrito: “Agora mesmo”, declara o Senhor, 'voltem para mim de todo o coração, com jejum, choro e lamentação. Rasgue seu coração e não suas vestes. Voltem para o Senhor, seu Deus, porque ele é misericordioso e compassivo, lento para a cólera e cheio de amor, e ele se arrepende de enviar calamidades”. É a mesma palavra novamente. “Ele cede [*naham*] de enviar calamidade.” Então, quando as pessoas se voltam para o Senhor e se arrependem, o relacionamento entre Deus e seu povo é aquele em que ele é gracioso, longânimo e perdoará. Esse é um fator no arrependimento. É também um fator na oração de intercessão.

Veja Tiago 5:16. Essa é uma passagem falando sobre oração onde Tiago diz: “Portanto, confessem seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para que sejam curados. A oração do justo é poderosa e eficaz”. Em minhas próprias palavras, Deus organizou tudo de forma tão soberana que escolheu usar a oração das pessoas para trazer os resultados que, sem essas orações, acho que você poderia dizer que não teriam acontecido. Então você lê: “Elias era um homem como nós. Ele orou fervorosamente para que não chovesse e não chovesse na terra por três anos e meio. Novamente ele orou, e os céus deram chuva”. Então, acho que a ênfase aqui é que Deus não é um motor imóvel. Sim, Deus é imutável em seus propósitos. Mas ele também é uma pessoa e responde ao arrependimento e é misericordioso com seu povo e, neste caso, com a oração de Moisés.

c. Moisés Retorna ao Acampamento – Êxodo 32:15-24

1. A Destruição das Tábuas de Pedra

Vamos passar para c, “Moisés retorna ao acampamento – Êxodo 32:15-24.” Há dois subtítulos ali, 1) “A destruição das tábuas de pedra” e 2) “As desculpas esfarrapadas de Arão”. É interessante que na montanha, Moisés é o intercessor. Quando ele desce da montanha para o acampamento, ele mostra sua raiva contra o povo por causa de seu pecado. Veja, no versículo 15: “Moisés voltou-se e desceu a montanha, com as duas tábuas do Testemunho nas mãos. Eles foram inscritos em ambos os lados, na frente e atrás, as tábuas eram obra de Deus, a escrita era a escrita de Deus, gravada nas tábuas”, como observamos na semana passada, o que estava nessas tábuas eram os Dez Mandamentos. Mas ele entra no acampamento e você lê em Êxodo 32:19: “Quando Moisés se aproximou do acampamento e viu o bezerro e a dança, sua raiva se acendeu e ele jogou as tábuas fora de suas mãos, quebrando-as aos pés. da montanha”. Então Moisés desceu, viu o que estava acontecendo e quebrou as tábuas.

Se você olhar na página 34 de suas citações, há o parágrafo lá, de Gispen, no Comentário dos Estudantes da Bíblia publicado por Zondervan.

Gispen diz: “Os versículos 15 e 16 são parênteses e chamam a atenção para o grande valor das duas tábuas: elas foram completamente cobertas com escrita, inscritas pelo próprio Deus.... Esta declaração entre parênteses indica que a subsequente quebra das tábuas por Moisés estava errada: até ele, o mediador intercessor, caiu em pecado. Teria sido muito mais impressionante e teria colocado o foco muito mais em Deus se Moisés tivesse apresentado as duas tábuas ao povo lado a lado com o bezerro de ouro; isso teria sido uma lição de religião comparada! Moisés violou "a obra de Deus", onde ele só tinha o direito de destruir a obra de pessoas pecadoras!

Não tenho certeza se Gispen está ali. É uma sugestão interessante, mas o texto em si não faz nenhum comentário sobre a correção ou incorreção do que Moisés fez. Parece-me que a ação de Moisés foi um ato simbólico. Israel tinha acabado de quebrar a aliança.

Eles haviam violado uma das obrigações fundamentais: “Não farás nenhuma imagem esculpida”. Eles tinham feito isso. Parece que eles estavam se movendo em direção a algum tipo de ideia sincrética de combinar a adoração a Deus com os tipos de adoração que você tinha entre as pessoas pagãs que os cercavam. Isso é uma violação da aliança. A quebra das tábuas simbolizava a quebra da aliança, pelo menos é assim que eu leria. Moisés não é repreendido por isso. O Senhor apenas diz a ele: “Traga mais duas tábuas aqui” e ele faz isso de novo.

2. A Desculpa Esfarrapada de Arão – Êxodo 32:21

Mas em todo caso, na montanha Moisés é o intercessor; no acampamento, ele mostra sua raiva pelo que o povo havia feito. Então ele se dirige a Aarão e observe no capítulo 32, versículo 21, ele diz a Arão: “O que essas pessoas fizeram a você, para que você as levasse a um pecado tão grande?” Então você recebe uma resposta bastante esfarrapada, onde Aaron tenta se desculpar e diz: “Você sabe como essas pessoas são propensas ao mal. Eles me disseram: 'Faça-nos um deus que vá adiante de nós. Quanto a esse tal de Moisés que nos tirou do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu.' Então eu disse a eles: 'Quem tiver joias de ouro, tire-as'. Então eles me deram o ouro e eu joguei no fogo, e saiu este bezerro!” Você não pode deixar de sorrir ao ler isso, porque é óbvio que ele está tentando evitar a responsabilidade. Não foi bem assim que aconteceu. Se você comparar, o que Aaron diz lá. Volte para o versículo 4, “Ele pegou o que eles lhe deram e fez um ídolo fundido na forma de um bezerro, moldando-o com uma ferramenta!” Então Aaron estava muito mais envolvido nisso do que ele deixou Moisés saber naquele momento.

Se você for para Deuteronômio 9, enquanto Moisés reflete sobre isso mais tarde, ele fala de algo que não é mencionado em Êxodo 32. Em Deuteronômio 9:20, ele diz: “O Senhor ficou irado o suficiente com Arão para destruí-lo. Mas naquela época eu orei por Aaron também. Também peguei aquela tua coisa pecaminosa, o bezerro que fizeste, e queimei no fogo.” Então Moisés também intercedeu em favor de Arão, e o Senhor

desviou sua ira de Arão também.

O próprio Moisés não responde às desculpas esfarrapadas de Arão, talvez distraído com o que estava acontecendo no acampamento, porque no versículo seguinte, capítulo 32, versículo 25, Moisés foi informado de que o povo estava correndo solto e que Arão os havia deixado sair. de controle, então ele parou na entrada do acampamento e disse: “Quem quer que seja do Senhor, venha a mim”, e todos os levitas se reuniram a ele.

3. Vingança sobre o povo – Êxodo 32:25-29

Isso nos leva a d em seu esboço, “Vingança sobre o povo – Êxodo 32:25-29.” Quando Moisés lança esse desafio, “Quem quer que seja do Senhor”, e os levitas respondem, ele diz a eles o que deseja que façam. Ele diz: “Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: 'Cada homem amarre uma espada ao seu lado. Vá e volte pelo acampamento de uma ponta à outra, cada um matando seu amigo e vizinho.' Os levitas fizeram como Moisés havia ordenado, e naquele dia morreram cerca de três mil pessoas. Então Moisés disse: 'Vocês [para os levitas] foram separados para o Senhor hoje, pois vocês eram contra seus próprios filhos e irmãos e ele os abençoou neste dia.

Então Moisés chama aqueles que estão do lado do Senhor para virem até ele, e os levitas respondem. Ele diz a eles para irem ao acampamento e matarem aqueles que participaram dessa adoração idólatra; independentemente dos relacionamentos. Se a pessoa era um irmão, um pai, ou algum parente, ou amigo, tanto faz. Três mil pessoas foram mortas. Agora, esse tipo de ação violenta às vezes é difícil de entender e aceitar. Para muitas pessoas, esta é uma objeção contra o Deus do Antigo Testamento. Mas está claro aqui que é algo exigido por Deus. No contexto, é o propósito que é enfatizado: a seriedade dos mandamentos de Deus ao povo, particularmente naquela regra de fundação. Essa regra era para ser obedecida. Este é o começo da vida de Israel como o povo da aliança de Deus. Se eles começarem exibindo esse tipo de conduta, não demorará muito para que eles retornem ao hedonismo, ao paganismo, como as pessoas entre as quais eles deveriam se estabelecer. Então, acho que você pode dizer que esta é uma questão que está

intimamente ligada à existência de Israel como o povo da aliança de Deus. Eles deveriam ser para ele uma nação santa - separada de todas as outras pessoas; um reino de sacerdotes – seu próprio povo querido.

4. Levitas: Cruse (Gen. 49:7) Transformado em Bênção Exatamente o que é a “bênção”, no versículo 29, não é explicado aqui. Eu poderia dizer que há um problema de tradução no versículo 29 também, mas parece-me que o que está acontecendo aqui é que os levitas transformaram a maldição de seu pai Jacó ao responder a este convite de Moisés para vir e ficar com ele e o Senhor. Eles transformaram essa maldição em uma bênção. Se você voltar para Gênesis 49:7, você tem em Gênesis 49 as bênçãos que Jacó dá a cada um de seus filhos. E no versículo 5, você tem a referência a Simeão e Levi. O versículo 5 diz: “Simeão e Levi são irmãos – suas espadas são armas de violência. Que eu não entre em seu conselho, que eu não me junte à sua assembléia, pois eles mataram homens em sua ira e destroçaram bois como quiseram. Maldita seja a sua cólera; tão ferozes, sua fúria tão cruel! Vou espalhá-los em Jacó, dispersá-los em Israel”. Bem, isso seria verdade tanto para Simeão quanto para Levi. Nenhum deles teria um território tribal, e nenhum deles tinha. Simeão foi meio que absorvido em Judá. Levi nunca teve nenhuma distribuição de território tribal; em vez disso, eles obtiveram as cidades levíticas. E essa foi a maldição lançada sobre os levitas.

Se você for a Números 3:6-13, lá você lerá: “O Senhor disse a Moisés: 'Traga a tribo de Levi e apresente-os ao sacerdote Arão para ajudá-lo. Eles devem cumprir deveres para ele e para toda a comunidade na Tenda do Encontro, fazendo o trabalho do Tabernáculo. Eles devem cuidar de todos os móveis da Tenda do Encontro, cumprindo as obrigações dos israelitas fazendo o trabalho do Tabernáculo. Dê os levitas a Arão e seus filhos; eles são os israelitas que devem ser entregues totalmente a ele. Designe Aaron e seus filhos para servirem como sacerdotes, qualquer outro que se aproximar do santuário deve ser condenado à morte.' O Senhor também disse a Moisés: 'Tirei os levitas do meio dos israelitas em lugar do primeiro descendente masculino de todas as mulheres israelitas. Os levitas são meus, pois todos os primogênitos são meus. Quando matei todos

os primogênitos do Egito, separei para mim todos os primogênitos de Israel, sejam homens ou animais. Eles serão meus.” Os levitas deveriam representar os primogênitos e receberam a tarefa de realizar todos os deveres associados ao trabalho no Tabernáculo e, por fim, no templo. Assim, os levitas são designados para o serviço do santuário no lugar dos primogênitos. Parece-me que foi esse incidente que forneceu a base para a mudança de Levi de amaldiçoado para abençoado, porque eles ficaram com Moisés durante o incidente do bezerro de ouro.

e. Intercessão Adicional – Êxodo 32:30-33:23 1. Sendo Apagado

O subponto e em seu esboço é: “Intercessão Adicional – Êxodo 32:30-33:23”. Lemos no versículo 30: “No dia seguinte, Moisés disse ao povo: 'Vocês cometeram um grande pecado. Mas agora vou subir ao Senhor, talvez eu possa fazer expiação pelo seu pecado.’” As pessoas provavelmente estavam tristes por aqueles que foram condenados à morte, sem dúvida impressionados com a gravidade de seus pecados. Agora Moisés diz novamente, ele irá ao Senhor como seu intercessor – seu representante. E observe como ele coloca: “Talvez eu possa fazer expiação pelo seu pecado”.

Então ele volta e lemos no capítulo 32, versículo 31: “Que grande pecado esta gente cometeu! Fizeram para si deuses de ouro.” Mas então ele faz esta proposta notável no versículo 32: “Mas agora, por favor, perdoa os seus pecados”. Acho que pode ser melhor traduzido: “Mas agora, se você perdoar o pecado deles” e, em seguida, um espaço em branco onde você deve fornecer “bom”. “Mas se não, apague-me do livro que você escreveu.” Essa declaração de Moisés é muito parecida com a de Paulo em Romanos 9:3. Paulo diz: “Eu poderia desejar que eu mesmo fosse separado de Cristo por causa de meus irmãos, os de minha raça, o povo de Israel”. É o mesmo espírito que Moisés teve aqui. A questão é: o que ele está propondo? O que é esse “livro que você escreveu”? As opiniões estão divididas sobre isso entre os comentaristas. “Por favor, perdoe o pecado deles, mas se não, bloqueie meu nome do livro que você escreveu.” Esse livro é o Livro dos Vivos? Em outras palavras, Moisés está dizendo: “Deixe-me morrer”? Eu acho que isso é

possível. Mas a outra interpretação que alguns defendem é que é o livro dos redimidos. Eu acho que é provavelmente mais provável. Porque então isso cria mais questões teológicas: como você pode ser apagado do livro dos redimidos? E quanto à ideia de segurança eterna? Mas parece-me que o que Moisés está propondo é que ele tome a penalidade dessas pessoas ao ser eliminado dentre aqueles que foram redimidos, para que possam ser libertados do julgamento posterior de Deus sobre eles.

Se você olhar para suas citações, há uma série de coisas aqui, veja no topo da página 37. Isso é de Gispem novamente. Ele diz: “No versículo 33, o Senhor diz que era impossível para ele aceitar a oferta que Moisés fez no versículo 32”. Moisés diz no versículo 32: “Mas agora, se lhes perdoares o pecado, bom, mas se não, risca-me do livro que tens escrito. O Senhor respondeu a Moisés: 'Aquele que pecou contra mim, riscarei do meu livro. Agora vá liderar o povo!'.” Como diz Gispem, “Ser apagado de seu livro não depende da vontade de ninguém, mas apenas dele. E ele pune apenas aqueles que pecaram contra ele, sem aceção de pessoas. O Senhor não disse que sempre fazia isso; ele simplesmente cortou Moisés em sua tentativa de mover o Senhor para apagá-lo do livro. Moisés também pecou contra o Senhor, e o Senhor não o destruiu. Devemos ver este versículo no contexto de toda a Bíblia, que mais tarde revela mais sobre este livro e sobre o decreto eletivo do Senhor. No entanto, a oferta de Moisés teve efeito, como mostra o versículo 34. Foi-lhe dito para ir e conduzir o povo a Canaã”.

Se você for à página 36 de suas citações, há vários parágrafos de João Calvino. Não quero perder tempo lendo tudo, mas vou até o segundo parágrafo, onde ele comenta o versículo 33: “Aquele que pecar contra mim, eu o apagarei”. Aqui está o comentário de Calvino sobre isso: “Nestas palavras, Deus se adapta à compreensão da mente humana, quando diz: 'A ele eu o apagarei;' pois os hipócritas fazem uma profissão tão falsa de seu nome, que não são considerados estrangeiros, até que Deus os renuncie abertamente: e, portanto, sua rejeição manifesta é chamada de apagamento.

Agora, se você voltar às primeiras linhas do parágrafo anterior, Calvino diz: “Por 'o livro', no qual Deus diz ter escrito seus eleitos, deve ser entendido, metaforicamente, seu decreto”. Em outras palavras, ele a vê como uma metáfora para o decreto de Deus.

Deixe-me ler mais: “Mas a expressão que Moisés usa, pedindo para ser eliminado do número dos piedosos, é incorreta, pois não pode ser que alguém que já foi eleito seja reprovado; E aqueles lunáticos” – este é o tipo de linguagem que você frequentemente encontra em Calvino e mais em Lutero do que em Calvino – “que, com base nisso, subvertem, tanto quanto podem, o principal artigo de nossa fé a respeito da predestinação eterna de Deus. , demonstrando assim sua malícia não menos que sua ignorância. David usa duas expressões no mesmo sentido, 'apagado' e 'não escrito'. 'Que sejam riscados do livro da vida e não sejam inscritos com os justos,' Salmo 69:28. Portanto, não podemos inferir nenhuma mudança no conselho de Deus, mas esta frase é meramente manifesta de que os réprobos, que por um período são contados entre o número dos eleitos, de forma alguma pertencem ao corpo da Igreja. Assim, o catálogo secreto, no qual os eleitos são escritos, é contrastado por Ezequiel com aquela profissão externa, que muitas vezes é enganosa. Justamente, portanto, Cristo convida seus discípulos a se regozijarem, 'porque seus nomes foram escritos no céu’”.

Em sua citação, se você voltar à página 34, no final da página, verá Berkouwer, *Divine Election* . Existem alguns comentários sobre este Livro da Vida como ele é entendido no Novo Testamento. Não vou ler todo Berkouwer, mas no topo da página 36, seu último parágrafo, onde Berkouwer diz: “O Livro da Vida está conectado com profunda alegria (Lucas 10:20), com o serviço do evangelho (Filipenses 4:3), e com consolo em meio a grande terror. 'No Novo Testamento, o Livro da Vida torna-se livre de fatalismos, torna-se a expressão da certeza da salvação para os filhos de Deus que se sabem escolhidos para a eternidade porque têm seu fundamento eterno no conselho da graça de Deus. Parece-me que, em todas as passagens em que temos referências a este livro, o que realmente se resume é que isso é algo que dá alegria, certeza e segurança ao crente.

Então, quando voltamos a este texto, Moisés faz esta proposta, o Senhor realmente não diz se isso é possível ou não; ele diz, cabe a mim, “Eu irei,” no versículo 33, “apagar do meu livro todo aquele que pecou contra mim.” Mas então ele diz a Moisés: “Vá você e conduza o povo ao lugar de que falei”. Então ele dá a Moisés a tarefa de liderar o povo;

ele não responde diretamente à sua proposta, mas diz que apagar o livro cabe apenas a ele.

2. Moisés liderando e expulsando os habitantes da terra Assim que ele diz a Moisés no capítulo 32, versículo 34, para ir e liderar o povo, outra ideia é introduzida aqui que é extremamente significativa. Ele diz: “Vá guiar essas pessoas aos lugares de que falei, e meu anjo irá adiante de você. No entanto, quando chegar a hora de punir, eu os punirei por seus pecados. Ele diz: “Meu anjo irá adiante de você”, e quando você entra no próximo capítulo, em 33:2, isso é elaborado. Ele diz: “Enviarei um anjo adiante de vós e expulsarei os cananeus, os amorreus, os heteus, os perizeus, os heveus e os jebuseus. Suba à terra que mana leite e mel”. Mas aqui está o significado desse anjo: vou enviar um anjo antes de você, mas não irei com você! Êxodo 33:3, “Porque vocês são pessoas de dura cerviz e eu poderia destruí-los no caminho.” Você lê no capítulo 32, versículo 35, que eles foram atingidos por uma praga, esse foi o castigo deles, mas ele diz: “Agora suba à terra de Canaã, e enviarei meu anjo, mas eu mesmo não irei com você. ” Essa será a questão no restante do capítulo 33.

3. Êxodo 33:7 – Deus guia Israel, não o anjo e o tabernáculo e a tenda de

Reunião

Há um parênteses aqui, sobre o qual quero fazer alguns comentários, antes de traçarmos o desenvolvimento do Senhor dizendo: “Um anjo irá com você, eu mesmo não;” o que faz com que Moisés interceda ainda mais, e novamente o Senhor cede e diz que sua própria presença estará com eles. Mas antes de chegar lá, veja Êxodo 33:7. Tem provocado bastante discussão. Lemos: “Ora, Moisés costumava fazer uma tenda, [ou costumava tomar a tenda], e armá-la fora do acampamento a certa distância, chamando-a de 'tenda da reunião'. Qualquer um que perguntasse ao Senhor iria para a tenda de reunião

fora do acampamento”. Quero fazer alguns comentários sobre essa referência à tenda de reunião em Êxodo 33:7.

Estudiosos críticos têm feito muito deste versículo, e eles veem uma discrepância entre o que eles pensavam como uma tenda de reunião primitiva, que segundo eles é parte da fonte E e a fonte E é o tabernáculo. De acordo com uma teoria crítica bastante padrão, não havia tabernáculo no período do deserto, no tempo de Moisés. Se você traçar uma linha do tempo, é claro, a fonte E foi por volta de 850 ou 950 aC A fonte P foi por volta de 450 aC Moisés está de volta em 1200 a 1400 aC Os críticos dizem que no tempo de Moisés não havia tabernáculo. Todo aquele material que descreve em detalhes como o tabernáculo deveria ser construído e como ele foi realmente montado, eles dizem que é todo material de documento P pós-exílico tardio. Reflete o que os escritores sacerdotais estavam fazendo tomando o templo e sua estrutura e os elementos do lugar santo, o altar, a mesa dos pães da proposição e todas essas coisas, e projetando isso de volta ao tempo mosaico. Portanto, as descrições do tabernáculo são simplesmente uma projeção naquele período anterior do período posterior dos tempos exílicos, mas a realidade é que o próprio tabernáculo, diriam eles, nunca existiu. E o que você tem neste versículo 7 do capítulo 33 é a descrição E do tabernáculo e a descrição detalhada é uma descrição do documento P. Então você tem essas duas fontes e, portanto, duas descrições diferentes do tabernáculo. O tabernáculo em si era realmente a-histórico – nunca existiu.

4. No Tabernáculo Agora, por que o tabernáculo foi construído? Neste momento, ainda não havia sido montado. Não é até Êxodo 35:1 e seguintes, até 35:9, que o tabernáculo é realmente construído. Não havia tabernáculo na época do incidente do Bezorro de Ouro. Quando você olha para a linguagem usada para designar o tabernáculo, você encontra uma variedade de termos. Uma é simplesmente a palavra hebraica para tenda – *ohel* . O mais comum é *o mishkan* . Vem da raiz da palavra *shakan*, “habitar”. *Mishkan* é um substantivo da forma verbal *shakan* . Captura a ideia de que Deus quer habitar entre seu povo, Israel; habitar, no tabernáculo.

Outra designação é a que você tem neste Êxodo 33:7, *ohel moed* – “tenda da reunião”. É interessante que na versão King James, “tenda de reunião”, *ohel moed* foi traduzido como “tabernáculo de congregação”. Em outras palavras, *moed* é traduzido como “congregação”. A palavra *moed* significa simplesmente “reunião”. É uma tenda de reunião entre Deus e Moisés. Não é uma tenda de reunião das pessoas reunidas como um corpo corporativo. Em outras palavras, “Tabernáculo da Congregação” dá uma ideia errada sobre o que este rótulo está descrevendo. O outro rótulo que às vezes é usado é *mishkan haedut* – Tabernáculo do Testemunho.

No entanto, voltando a este versículo 7, onde você tem o terceiro rótulo, está lá no slide 30, *ohel moed*; essa descrição ocorre em conexão com o tabernáculo. Se você voltar a Êxodo 27:21, onde são dadas instruções para a construção do tabernáculo, você lê: “Na tenda da congregação, fora da cortina”, isto é, na frente do testemunho, “Arão e seus filhos manteria as lâmpadas acesas perante o Senhor”. A tenda da reunião é *ohel moed*, assim como em 33:7. Assim, parece que Moisés tomou o nome do tabernáculo, *ohel moed* e o aplicou a uma tenda que montou fora do acampamento, onde se encontraria com Deus. Acho que isso levou alguns a pensar, você entendeu essa confusão, você a tem aqui em referência ao tabernáculo. Não é uma reverência ao “tabernáculo”, como alguns diriam, é simplesmente uma referência a uma tenda que Moisés armou fora do acampamento, onde foi interceder pelo povo e receber a palavra do Senhor para eles. Então você lê em Êxodo 33:7 e seguintes, “Ora, Moisés costumava tomar uma tenda e armá-la fora do acampamento, a certa distância, chamando-a de 'tenda da reunião'. Qualquer um que perguntasse ao Senhor iria para a tenda de reunião fora do acampamento. E sempre que Moisés saía para a tenda, todo o povo se levantava e ficava na entrada de suas tendas, observando Moisés até que ele entrasse na tenda. Quando Moisés entrava na tenda, a coluna de nuvem descia e ficava na entrada, enquanto o Senhor falava com Moisés. Sempre que o povo via a coluna de nuvem parada à entrada da tenda, todos paravam e adoravam, cada um à entrada da sua tenda. O Senhor falava com Moisés face a face, como um homem fala com seu amigo. Então Moisés voltava para o acampamento, mas seu jovem ajudante Josué, filho de Num, não saía da tenda”.

5. A Presença de Deus Então há essa referência a esta tenda onde Moisés falou com Deus fora do acampamento. Não é o tabernáculo, todas essas teorias elaboradas de crítica de fonte não entendem a maior parte do que está acontecendo aqui. Então, o que Moisés está fazendo lá fora naquela tenda? Êxodo 33:12, Moisés disse: “Você [Senhor] tem me dito: 'Guide este povo', mas você não me deixou saber quem enviará comigo. Você disse: 'Eu te conheço pelo nome, você achou graça comigo'. Se você está satisfeito comigo, ensine-me seus caminhos, para que eu possa conhecê-lo e continuar a achar graça em você. Lembre-se de que esta nação é o seu povo.' O Senhor respondeu,” e acho que há uma questão de tradução aqui; Eu acho que isso é um interrogativo. A NVI diz: “Minha presença irá com você e eu lhe darei descanso”. Acho que é uma interrogativa: “Irá a minha presença contigo? E devo dar-lhe descanso? No capítulo 33, versículo 15, Moisés responde a ele: “Se a tua presença não for conosco, não nos envie de ti”. Veja, esse é o problema. O Senhor irá com seu povo a partir deste ponto em suas jornadas, ou é um anjo que os acompanhará, voltando a Êxodo 32:34 e 33:2 e seguintes? Assim, no capítulo 33, versículo 17, o Senhor cede novamente: “O Senhor disse a Moisés: 'Farei exatamente o que você pediu, porque estou satisfeito com você e o conheço pelo nome.'” Então o Senhor cede novamente. , e sua presença irá com eles enquanto continuam sua jornada.

f. A Aliança Renovada – Êxodo 34 – Decálogo Cúltico (?) Vamos para f, “A aliança renovada – Êxodo 34.” Você entra em uma questão de teorias críticas novamente com o capítulo 34. O capítulo 34 às vezes é o que eles chamam de “Decálogo Cultico”. A teoria é que em Êxodo 20, onde você tem os Dez Mandamentos, essa é a fonte E. Êxodo 34, onde você tem este “Decálogo Cultico”, essa é a fonte J de acordo com os críticos da fonte. Então, novamente, você tem dois Decálogos; você tem o Decálogo de Êxodo 20 e o Decálogo de Êxodo 34. O Decálogo de Êxodo 34 é dito ser a fonte J, e o Decálogo de Êxodo 20 é dito ser a fonte E.

Se você der uma olhada em Êxodo 34, poderá identificar alguns mandamentos que estão na forma dos Dez Mandamentos de Êxodo 20. Por exemplo, veja o versículo 14:

“Não adorem nenhum outro deus. Pois o Senhor, cujo nome é Zeloso, é um Deus ciumento”. Versículo 17, “Não faça ídolos de fundição.” Versículo 18, “Celebre a festa dos pães ázimos”. Versículo 21: “Seis dias trabalharás, ao sétimo dia descansarás.” Versículo 22, “Celebre a festa das semanas”. Versículo 25, “Não ofereça o sangue do sacrifício.” Versículo 26, “Tragam o melhor dos primeiros frutos”. Versículo 26b, “Não cozinhe o cabrito no leite de sua mãe.”

Então você desce e vê comandos de "faça isso, não faça aquilo". Você tenta escolher dez deles para obter um Decálogo e isso fica um pouco mais complicado. Então, o que você vê é que a ênfase deste capítulo está na adoração cerimonial. Esses são mandamentos que têm a ver com a maneira pela qual Israel deve adorar o Senhor. A razão pela qual você tem esse tipo de ênfase aqui é que Israel acabou de quebrar a aliança com o pecado naquela área específica de sua observância religiosa. Eles fizeram este ídolo. Assim, o Senhor dá a eles esses regulamentos adicionais sobre adoração após o incidente do Bezerro de Ouro. Isso de certa forma muda esse fato. Esta não é uma nova edição dos Dez Mandamentos. Isso não muda o fato de que quando as novas tábuas são escritas novamente pelo dedo de Deus, é a mesma coisa que estava na primeira – os Dez Mandamentos de Êxodo 20. Na verdade, você vê no primeiro versículo do capítulo 34, o Senhor diz: “Esculpir em tábuas de pedra como as primeiras. escreverei nelas as palavras que estavam na primeira tabuinha”. Então Moisés fez isso. No final desta perícopé, você lê no versículo 28: “Ele”, isto é, Deus, “escreveu nas tábuas as palavras da aliança – os Dez Mandamentos”.

1. O rosto e os chifres de Moisés – Vulgata Assim, em Êxodo 34 você tem a Aliança Renovada com este material adicional dado a Israel. Isso se concentra na maneira como o Senhor deseja que eles adorem a si mesmo. Você lê no final do capítulo: “Quando Moisés desceu do Monte Sinai com as duas tábuas do Testemunho em suas mãos”, este é o capítulo 34, versículo 29, a NIV diz: “Ele não sabia que seu rosto estava radiante porque tinha falado com o Senhor. Quando Aarão e todos os israelitas viram Moisés, seu rosto estava radiante, e eles tiveram medo de se aproximar dele”. E você lê no versículo 33, ele

colocou um véu sobre o rosto. A Vulgata Latina traduz Êxodo 33:29b, “Ele não sabia que seu rosto estava radiante” como “ele não sabia que seu rosto tinha chifres”. A razão para isso é que existe o verbo “*qaran*”, que significa “enviar raios”. Há uma forma substantiva *qeren* construída a partir dessa mesma raiz que significa “chifres”. O texto original não tinha vogais. Quando Jerônimo estava traduzindo o hebraico para o latim, ele pegou essa raiz

keren que significa “chifre” traduzindo “Moisés não sabia que seu rosto tinha chifres”.

Aqui está um fato interessante, mas não significativo; Eu nunca soube disso até a década de 1960, eu estava em Roma e entrei na catedral chamada “St. Peter's Chains. Na catedral, no altar, há uma velha caixa que contém algumas correntes que deveriam ter acorrentado Pedro enquanto ele estava na prisão. Se você está de pé, olhando para aquele altar do lado direito, do lado da frente da igreja, tem uma estátua enorme feita por Michelangelo: Moisés, com as tábuas de pedra. É uma tremenda peça de escultura. É extremamente impressionante; muito mais impressionante do que as correntes de Pedro. Mas o engraçado é que Moisés tem esses chifres saindo de sua testa. Lembro-me de olhar para aquilo e não fazer ideia de por que Michelangelo teria esculpido Moisés e colocado chifres nele. Quero dizer, geralmente você pensaria em chifres em Satanás. Eu investiguei isso mais tarde e descobri que vem deste texto. Michelangelo estava lendo a Vulgata latina e o texto: “Ele desceu a montanha e não sabia que seu rosto tinha chifres!” Então ele fez a estátua de Moisés com chifres. Se você tiver a chance de viajar para Roma – é uma notável peça de escultura – então você saberá por que Moisés tinha chifres. Você também pode vê-lo em algumas pinturas; algumas pinturas antigas retratam Moisés com chifres.

5. O Tabernáculo é Construído – Êxodo 35-39

Vamos para 5, “O Tabernáculo é construído.” Agora que a aliança foi restabelecida, Moisés decidiu cumprir as instruções que lhe foram dadas em Êxodo 25 a 31. É interessante quando você vê a estrutura do livro. Nos capítulos 25 a 31, Moisés recebeu

instruções sobre como construir o Tabernáculo. Nos capítulos 35 a 39, ele realmente começa a construir o Tabernáculo. Portanto, você tem instruções para construir e tem a conta do prédio real. No meio, como uma interrupção dessa sequência, você tem os capítulos 32 a 34, que é o incidente do Bezerra de Ouro. O incidente do Bezerra de Ouro foi uma espécie de maneira humana aparentemente planejada de Israel para garantir a presença do Senhor, e isso contrasta com a maneira divinamente pretendida que Deus desejava que seu povo fornecesse para sua presença.

Você se lembra daquelas instruções sobre a construção do Tabernáculo, essas instruções terminaram, se você voltar lá no final do capítulo 31, com uma ordem sobre o sábado. Em 31:12, fiz alguns comentários sobre isso. “Trabalhe seis dias, o sétimo é para o Senhor, nenhum trabalho deve ser feito.” Então você tem aquele interlúdio dos capítulos 32 a 34. Quando você começa o capítulo 35, com o que ele começa? Reconhecimento do sábado, ele volta e enfatiza novamente o sábado. “Moisés reuniu toda a comunidade israelita. Estas são as coisas que o Senhor está ordenando que você faça. Seis dias de trabalho devem ser feitos, o sétimo dia será santo”. Então ele enfatiza isso novamente. Podemos olhar para a construção do Tabernáculo como uma provisão para a presença contínua do Senhor no meio de seu povo, assim como no Sinai. No Sinai, ele desce da montanha, dá a sua palavra, Moisés dá a palavra de Deus ao povo. O tabernáculo é realmente uma espécie de Sinai móvel, porque conforme os israelitas iniciam a jornada, após a construção do tabernáculo, o Senhor se moverá com eles. Mas sua presença estará constantemente no meio deles. Portanto, o trabalho de construção do tabernáculo está para começar.

a. História da Interpretação do Tabernáculo Antes de prosseguir, não vou passar por esses capítulos e comentá-los, mas gostaria de fazer alguns comentários gerais sobre a história da interpretação do tabernáculo. O tabernáculo tem sido objeto de muitas interpretações especulativas e, talvez, irresponsáveis. Na história de sua interpretação, uma variedade muito ampla de significados simbólicos foi sugerida para o tabernáculo. Volte até mesmo para algumas interpretações judaicas, Philo de Alexandria, que era um

expositor judeu. Ele era muito alegórico em seu método de interpretação e dizia que o tabernáculo representava um padrão do universo. O pátio externo representa a terra, o Lugar Santo – o céu, a mesa com os doze pães da proposição, representa o ano com 12 meses, o candelabro de ouro com sete braços representa os sete planetas. Não tenho certeza do que fazemos agora, já que temos mais de sete planetas. O linho de púrpura, azul e escarlate representa os elementos, e assim por diante. Então esse é um exemplo.

Outros têm visto o tabernáculo como representando o homem à imagem de Deus. O Santo dos Santos é o espírito do homem – é o centro. O Santo Lugar é a alma, onde está o castiçal com as sete luzes, ou seja, vários tipos de entendimento, discernimento, conhecimento e concepção. O Pátio Externo é o corpo, aberto a todos, para que todos possam ver o que é e como funciona.

Portanto, esses tipos de interpretações muito especulativas são bastante comuns. Quando você vai além de olhar para o tabernáculo como um todo, simbólico de algo desse tipo, tem havido muitos outros expositores que pegam todas as cores, os materiais, os tipos de metal e encontram significado nas cores; encontrar significado nos metais.

b. Conselhos de Faibairn sobre a interpretação do simbolismo do tabernáculo Se você olhar suas citações na página 38 e na página 39, acho que vou reservar um tempo para ler isso, porque acho que chega ao ponto. Isso é de *The Typology of Scripture*, de *Patrick Fairbairn*, que fala sobre os vários artigos que compõem o tabernáculo e os materiais. Ele diz: “Em relação aos outros artigos usados, não parece que nenhuma razão maior possa ser atribuída para sua seleção, do que eles eram os melhores e mais aptos de seus vários tipos. Eles consistiam nos metais mais preciosos, nos melhores tecidos da fabricação de linho, com acabamento bordado, nas cores mais ricas e deslumbrantes e nas gemas mais belas e caras. Era absolutamente necessário, por meio de algum aparato externo, trazer à tona a idéia da glória e magnificência insuperáveis de Jeová como o Rei de Israel, e da honra singular que era desfrutada por aqueles que eram admitidos para ministrar e servir diante dEle. . Mas isso só poderia ser feito pela natureza rica e cara dos materiais empregados na construção do tabernáculo e das vestes oficiais daqueles que

foram designados para servir em seus tribunais. Diz-se expressamente das vestes do sumo sacerdote que elas deveriam ser feitas 'para glória (ou ornamento) e beleza'; para esse fim, deveriam consistir em tecido de linho fino do Egito, bordado com bordados feitos em azul, púrpura e escarlate, as cores mais brilhantes. E se meios foram tomados para produzir efeito em relação às vestes daqueles que ministravam no tabernáculo, é razoável inferir que o mesmo seria feito em relação ao próprio tabernáculo. Portanto, lemos sobre o templo, a forma mais perfeita da habitação, que deveria ser feito 'tão excessivamente magnífico que seria de fama e glória em todos os países'; e que entre outras coisas empregadas por Salomão para este propósito, 'a casa era adornada com pedras preciosas para beleza'. Tais materiais, portanto, foram usados na construção do tabernáculo, pois eram mais adequados para transmitir impressões adequadas da grandeza e glória do Ser para cuja habitação peculiar foi erguido. E como nisso temos uma razão suficiente para o emprego deles, para procurar outros, apenas vagamos pelas regiões da incerteza e da conjectura.

Em outras palavras, o que Fairbairn está sugerindo é que não devemos procurar outro significado além do fato de que esses materiais e cores foram escolhidos para enfatizar a magnificência e a glória do que este lugar foi feito para ser. Assim, em seu próximo parágrafo, ele diz: “Portanto, descartamos os significados derivados de Bahr, bem como os dos teólogos mais antigos, das qualidades intrínsecas dos metais e das cores distintas empregadas nos vários tecidos. Eles estão aqui fora de lugar. A questão não é se tais coisas não poderiam ter sido usadas para transmitir certas idéias de natureza moral e religiosa, mas se elas realmente foram empregadas aqui; e nem a ocasião de seu emprego, nem a maneira como isso foi feito, em nossa opinião, dão a menor garantia para a suposição.

No que diz respeito aos metais, não vemos base nas Escrituras para qualquer significado simbólico associado a eles, separado daquele sugerido por seu valor e usos comuns. Esse latão deveria ter sido o metal predominante nos acessórios e móveis do pátio externo, onde as pessoas em geral poderiam vir com suas ofertas, e no próprio

santuário prata e ouro, sem dúvida, poderia ser considerado como uma imagem do avanço que é feito em a descoberta da excelência e glória divinas, mais se entra no segredo de sua presença e se prepara para contemplar sua beleza.

Sem dúvida encontramos um uso simbólico de certas cores, como o branco, para expressar a ideia de pureza, ou o vermelho, para expressar a ideia de culpa; mas, quando usada, a cor específica deve ser destacada e também conectada a uma ocasião que exige claramente tal símbolo. Este não foi o caso em relação às cores do tabernáculo. As cores ali, em sua maioria, apareciam de forma combinada; e se fosse possível destacá-los e dar a cada um um valor distinto, não havia nada que indicasse como as idéias simbolizadas deveriam ser vistas, seja em referência a Deus ou a seus adoradores. Na verdade, a própria busca teria necessariamente levado a infinitas sutilezas e impedido a mente de receber a impressão direta e palpável que vimos que se pretendia transmitir.

“Como exemplos da arbitrariedade necessariamente ligada a tais significados, Bahr torna o vermelho significativo, em seu tom púrpura, da majestade, em seu escarlate, da propriedade vivificante de Deus; enquanto Neumann, após novas investigações sobre as propriedades da luz e da cor, vê no vermelho a expressão do amor de Deus, inclinando-se como púrpura para a misericórdia da graça, como escarlate para o ciúme do julgamento. Com Bahr, o azul é o símbolo da majestade do céu onde Deus manifesta sua glória; com Neumann, aponta para a profundidade do oceano e é o símbolo da substância de Deus, que habita na luz inacessível e estabelece na estabilidade do Criador o fundamento da aliança. Tais significados diversos e arbitrários, rivalizando com o capricho dos tipólogos mais velhos, mostram a fantasia do terreno em que são erguidos. E entrelaçadas como as cores estavam em trabalhos de bordado, não estando cada uma separada em algum lugar próprio, não temos razão para imaginar que elas tivessem outro propósito a servir do que obras de arte semelhantes no vestido do sumo sacerdote, ou seja, para ornamento e beleza”, e deixar por isso mesmo. Em outras palavras, não busque um significado espiritual mais profundo para as cores e materiais do tabernáculo”.

Acho que provavelmente é um bom conselho. Tem havido muito abuso na área da

interpretação dessas coisas com relação ao tabernáculo. No entanto, tendo dito isso, acho que podemos dizer, e mesmo como o livro de Hebreus parece sugerir isso, que há um sentido legítimo no qual o tabernáculo pode receber um significado tipológico. Em outras palavras, está apontando para algo maior que está por vir.

c. Vannoy e Vos sobre o significado tipológico do Tabernáculo: símbolo e tipo

Deixe-me ir um pouco mais longe. Eu acho que uma vez que você diz que pode haver um significado tipológico legítimo ligado ao tabernáculo, a questão rapidamente se torna: “Como você separa o que é legítimo do que é ilegítimo?” Acho que Gerhardus Vos deu uma boa direção com essas passagens, não apenas para a representação de um artista de como seria o livro do Tabernáculo. Esse é o diagrama no slide 31.

Voltemos a essa questão de significado e significância no que diz respeito ao significado tipológico. Veja sua citação na página 40. Em sua *Teologia Bíblica*, Vos discute tipologia, e ele a discute em conexão com o tabernáculo de Deus e diz se você vai falar sobre significado tipológico, em termos de tabernáculo ou qualquer outra coisa no Antigo Testamento, você deve estabelecer uma conexão entre o simbolismo de algo e seu significado tipológico.

Se você olhar a página 40, na definição, o que é um símbolo? Topo da página 40 em sua citação, de acordo com Vos, “Um símbolo é em seu significado religioso algo que retrata profundamente um certo fato ou princípio ou relacionamento de natureza espiritual em uma forma visível. As coisas que ele representa são de existência e aplicação presentes. Eles estão em vigor no momento em que o símbolo opera.” Então é isso que um símbolo é. Está retratando algo de natureza espiritual; algum fato ou verdade de natureza espiritual em forma física. As coisas que ele retrata devem ser de uma existência presente e aplicação presente. Com um tipo, ele diz, na próxima linha citada ali, “Com a mesma coisa, considerada como um tipo, é diferente. Uma coisa típica é prospectiva; refere-se ao que se tornará real ou aplicável no futuro .” Portanto, um tipo é prospectivo; um símbolo é de existência presente. Então é aqui que ele coloca uma conexão, como visto no slide 32; ele diz: “Um tipo nunca pode ser um tipo

independentemente de ser primeiro um símbolo. E somente depois de ter descoberto o que uma coisa simboliza, podemos legitimamente passar a questionar o que ela tipifica, pois esta nunca pode ser outra coisa senão o que ela simboliza elevado a um plano superior.

Volte para a página 40, terceiro parágrafo. Vos diz: “O principal problema a entender é como o mesmo sistema de representações pode ter servido ao mesmo tempo em uma capacidade simbólica e típica. Obviamente, isso teria sido impossível se as coisas retratadas fossem em cada caso diferentes ou diversas, sem relação umas com as outras. Se algo é uma imagem precisa de uma certa realidade, então pareceria desqualificado por esse mesmo fato para apontar para outra realidade futura de natureza bem diferente. A solução do problema reside nisso, que as coisas simbolizadas e as coisas tipificadas não são conjuntos diferentes de coisas. Eles são, na realidade, as mesmas coisas, apenas diferentes neste aspecto que eles vêm primeiro em um estágio inferior de desenvolvimento na redenção, e novamente, em um período posterior, em um estágio superior. Assim, o que é simbólico em relação à edição já existente do fato ou verdade torna-se típico, profético, da edição posterior, final, do mesmo fato ou verdade. A partir disso, será percebido que um tipo nunca pode ser um tipo independentemente de ser primeiro um símbolo. A porta de entrada para a casa da tipologia fica na extremidade da casa do simbolismo.”

Então, você tem um símbolo que retrata alguma verdade espiritual que é de uma realidade presente. Isso se torna típico de uma edição posterior em uma longa linha da história da redenção; é uma edição posterior da mesma verdade. Não uma verdade diferente, mas a mesma verdade reaparecendo em um estágio posterior e superior da história da redenção. “Portanto, somente depois de ter descoberto o que uma coisa simboliza é que podemos fazer a pergunta sobre o que ela tipifica. O último nunca pode ser outra coisa senão o primeiro. Agora dê um passo adiante. O vínculo que une os tipos ao antitipo deve ser um vínculo de continuidade vital no progresso da redenção”.

Observe o próximo parágrafo na página 40, “Este é o fundamental regra para ser observado em averiguar o que elementos em o Velho Testamento são típica, e em que o

coisas correspondente para eles como antítipos consiste. Apenas depois tendo descoberto o que a coisa simboliza, pode nós legitimamente Continuar para colocar o pergunta o que isto tipifica, para o último pode nunca ser nada outro que o antigo levantado para a mais alto avião. O ligação que detém tipo e antítipo junto deve ser a ligação de vital continuidade em o progresso de redenção. Onde esse é ignorado, e em o lugar de esse ligação são colocar accidental semelhanças, vazio de inerente espiritual significado, todos tipos de absurdos vai resultado, tal como deve trazer o todo assunto de tipologia em descrédito. Exemplos de esse são: o escarlata cordão de Raabe prefigura o sangue de Cristo; o quatro leprosos no Samaria, o quatro Evangelistas.

"O tabernáculo permite a claro instância de o coexistência de o simbólico e o típica em um de o princípio instituições de o Velho Testamento religião. Isto incorpora o eminentemente religioso ideia de o habitação de Deus com Dele pessoas."

Em outras palavras, a verdade aqui simbolizando o tabernáculo é Deus habitando no meio de seu povo. Onde essa verdade reaparece no progresso da redenção? É aí que ele desenvolve. O significado típico do tabernáculo deve ser buscado na estreita dependência do significado simbólico.

d. Tabernáculo e Cristo, a Igreja, Cristão Individual e Nova Jerusalém Devemos perguntar: onde esses princípios e realidades religiosos, que o tabernáculo serviu para ensinar à comunidade, reaparecem na história subsequente da redenção, elevados ao seu estágio consumado? Primeiro, nós os descobrimos no Cristo glorificado, o evangelista fala disso em João 1:14, é aquele em quem Deus veio tabernáculo entre os homens para revelar a eles sua graça e glória. Em João 2:19-22, o próprio Jesus prediz o templo do Antigo Testamento que seus inimigos, por sua atitude para com ele, estavam empenhados em destruir. Ele edificará novamente em três dias por meio de sua ressurreição. Isso afirma a continuidade entre o santuário do Antigo Testamento restaurado por pessoa. Portanto, essa verdade de Deus habitando no meio de seu povo reaparece com Cristo. É a mesma verdade. Cristo veio habitar, habitando entre os homens.

Mas não está apenas lá; veja no próximo parágrafo: “Mas o que é verdade sobre Cristo também é verdade sobre a Igreja. Disso também o tabernáculo é um tipo. Não poderia ser de outra forma, porque a Igreja é o corpo de Cristo ressuscitado. Por esta razão a igreja é chamada 'a casa de Deus.’” Assim é em Cristo e na Igreja. Em seguida, ele o vê no cristão individual e, finalmente, na nova Jerusalém. Então você vê a verdade da habitação de Deus no meio de seu povo, simboliza que o tabernáculo está apontando para frente. Assim, o significado tipológico onde você vê aquela mesma verdade de Deus habitando no meio de seu povo reaparece no progresso da história redentora, que é aquela linha, o vínculo, que mantém essas coisas juntas. Mas deve ser a mesma verdade. O que é simbolizado deve ser a mesma verdade do que é tipificado. Então você tem Cristo, a Igreja, o cristão individual e então a nova Jerusalém. Eu acho que a conexão de Vos de procurar a mesma verdade no que está no símbolo que reaparece no tipo evita que você caia em tipos irresponsáveis de interpretações tipológicas. Se você perder essa mesma verdade, parece-me, então você está trazendo significado ao texto. Você não está realmente seguindo um método legítimo de interpretação. Tem havido muitos abusos de interpretação com interpretações tipológicas.

O tabernáculo aponta para o templo. O templo é como o tabernáculo apenas em uma escala maior e mais permanente. Embora tanto o tabernáculo quanto o templo sejam a mesma verdade simbolizada tanto pelo tabernáculo quanto pelo templo. Então, em certo sentido, tanto o templo quanto o tabernáculo estão apontando para diferentes manifestações da mesma verdade, Emanuel – Deus conosco.

Transcrição por Hyeyon Lim
Rough editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Katie Ells
Re-narrado por Ted Hildebrandt

